



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

MARIA IVONIZETE DE LIMA ARAÚJO

**OH CABELO, CABELO MEU, SE VOCÊ NÃO FOSSE MEU EU NÃO SERIA TÃO
EU!**

Ressignificação e empoderamento de identidade através do cabelo crespo e cacheado

REDENÇÃO-CEARÁ-BRASIL

OUTUBRO DE 2018

MARIA IVONIZETE DE LIMA ARAÚJO

OH CABELO, CABELO MEU, SE VOCÊ NÃO FOSSE MEU EU NÃO SERIA TÃO EU!

Ressignificação e empoderamento de identidade através do cabelo crespo e cacheado

Projeto de Pesquisa apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à banca examinadora como requisito para obtenção do título de Bacharela em Humanidades pelo Instituto de Humanidades (IH) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Orientadora: Profa. Dra. Vera Rodrigues

REDENÇÃO-CEARÁ-BRASIL

OUTUBRO DE 2018

RESUMO

Têm-se como objetivo principal deste trabalho apresentar algumas reflexões sobre as narrativas de mulheres negras que fizeram parte de uma roda de conversa sob o tema “cabelo e identidade”, o grupo formado por mulheres universitárias, especificamente da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) as quais fazem parte de diferentes cursos e nacionalidades, sob a perspectiva de um tema as discursões ganham novos contornos como as opressões as quais são submetidas cotidianamente. Material e métodos adotada baseia-se inicialmente em pesquisas bibliográficas as quais nos serviu como material teórico e posteriormente em análise de áudios das rodas de conversas. Percebemos para além das opressões supracitadas encontramos a padronização e a hierarquização do cabelo crespo/cacheado em que o capitalismo rege os parâmetros aceitáveis. Chegamos ao entendimento da construção, ressignificação e empoderamento de uma identidade étnico racial, construídas a partir das falas de nossas interlocutoras, percebemos uma forte resistência as normatividades, tendo consciência de sua cultura de sua ancestralidade essas mulheres negras empoderaram-se. As considerações finais se fazem pertinentes a análises de dados coletados que nos norteiam as questões levantadas nesta pesquisa quanto a identidade de mulher negra e empoderada e que qual cenário as interlocutoras estrangeiras iram se deparar ao regressar ao seu país natal. No contexto Brasileiro nossas interlocutoras usam o cabelo crespo e cacheado como uma parte transformadora de luta e resistência.

Palavras-chave: cabelo crespo e cacheado. identidade. Racismo.

ABSTRACT

The main objective of this work is to present some reflections on the narratives of black women who were part of a talk group under the theme "hair and identity", the group formed by university women, specifically the University of Integration of Afro- (UNILAB) which are part of different courses and nationalities, from the perspective of a theme the discursions gain new contours as the oppressions that are submitted daily. Material and methods adopted is based initially on bibliographic research which served as theoretical material and later in analysis of audios of the wheels of conversations. We perceive beyond the above-mentioned oppressions we find the standardization and hierarchy of curly / curly hair in which capitalism governs acceptable parameters. We understand of the construction, re-signification and empowerment of a racial ethnic identity, built from the lines of our interlocutors, we perceive a strong and resistant normativity's, being aware of their culture of their ancestry these black women empower themselves. The final considerations are pertinent to collected data analyzes that guide us the issues raised in this research regarding the identity of black and empowered women and which senator the foreign interlocutors will encounter when returning to their native country. In the Brazilian context our interlocutors use curly and curly hair as a transforming part of struggle and resistance.

Keywords: curly hair and curly hair. identity. Racism.

SUMÁRIO

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO	5
1.1 TEMA	5
1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA	5
1.3 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	5
2 JUSTIFICATIVA.....	6
3 OBJETIVOS.....	9
3.1 OBJETIVO GERAL	9
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	9
4 REFERENCIAL TEÓRICO	10
5 METODOLOGIA DA PESQUISA	12
6 CRONOGRAMA	26
REFERÊNCIAS	28

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

Eu, Maria Ivonizete de Lima Araújo, aluna do curso de Bacharelado em Humanidades, declaro publicamente ser autora do projeto de pesquisa intitulada:” oh cabelo, cabelo meu, se você não fosse meu eu não seria tão eu!¹ Ressignificação e empoderamento de identidade através do cabelo crespo e cacheado”, sob a orientação da Professora Doutora Vera Rodrigues.

Desse modo, pretende-se a partir do presente projeto, situado no campo antropológico, analisar as questões identitárias da mulher negra, tendo como recorte alunas universitárias de diferentes cursos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) das nacionalidades brasileiras, cabo verdianas, são tomense, guineenses, residentes nas cidades do Maciço de Baturité, Estado do Ceará.

1.1 TEMA

Ressignificação e empoderamento de identidade étnico racial das estudantes brasileiras e africanas em contexto de autoestima, beleza e orgulho negro em que o cabelo crespo e cacheado é o ponto central para a análise proposta.

1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Analisar a aceitação do cabelo natural entre as estudantes brasileiras, para além da estética o fortalecimento e resignificação de identidade. No contexto das estudantes africanas a questão se ser mulher negra e empoderada no Brasil.

1.3 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Quais os entraves sociais e morais foram superados com o processo de resignificação do cabelo natural e empoderamento da mulher negra para a relutância contra as normatividades estabelecidas por uma sociedade capitalista, centrada nas padronizações e alienações sociais e identitárias?

¹ Título do trabalho retirada de uma propaganda publicitaria de shampoo, da marca Natura plant, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3D03ZeoBkG0>

2 JUSTIFICATIVA

No título do projeto uso um pequeno verso “*oh cabelo, cabelo meu se você não fosse meu eu não seria tão eu!*” tendo em vista a notória mudança estética nos cabelos das estudantes – conforme supracitado anteriormente, cujo processo de transição e aceitação dos cabelos crespos/cacheados, bem como o auto reconhecimento de suas raízes étnicas. Por outro lado, compartilhado por estudantes africanas que enfatizam a ressignificação de mulher negra e empoderamento feminino no contexto universitário brasileiro, especificamente na UNILAB.

Muito se fala de qual cor é minha identidade, remetendo -nós a questão étnico racial e subsequente a fenótipos associados a aspectos físicos e características psicológicas e a curvatura do cabelo. Os padrões estéticos e as articulações históricas da branquitude aprisiona a mulher negra entre fenótipos, estereótipos e hipersexualização do corpo negro. Os parâmetros de superioridade arraigada na sociedade perpassam os séculos e com ele o racismo.

Assumir uma identidade negra no Brasil não é uma tarefa fácil, visto que a democracia racial não é um conto de fadas perfeito ao qual foi colocado, e bem percebido pelas alunas africanas ao chegarem em solo brasileiro. Em suma, cabe-nos esclarecer o conceito de raça nas sociedades Brasileira ao qual se fundamenta o racismo.

Segundo Guimarães (2008, p.64) “o termo ‘raça’ não desapareceu no discurso científico. Não apenas do discurso da biologia, mas também em todos os discursos que insistem em explicar a vida social em concorrência com a sociologia”; por esse fato, o termo raça é utilizado para descrever características físicas, como cor da pele, tipo do cabelo, etc. Ou seja, o modo de representação dos sujeitos na sociedade, aos quais as raças são cientificamente uma construção social do europeu que foi capaz de hierarquizar os seres humanos dentro de sociedades, possibilitando uma superioridade sobre os povos. Contudo, tal construção vem sendo contestada por inúmeros sujeitos em seus diferentes espaços coletivos de organização que objetiva uma descolonização do saber e das políticas naturalizadas nas sociedades colonizadas.

De todo modo, esses estereótipos são incorporados forçosamente durante séculos no imaginário da sociedade, que passa a acreditar na “superioridade da raça branca”, soma-se a isso o fato da estética ideal de beleza está relacionada exclusivamente a ter olhos claros, pele branca e cabelos lisos, como também não conceder nenhum atributo de beleza aos outros grupos étnicos. Reconhecer-se como negro significa tomar uma posição de defesa e ataque ao racismo, tendo em vista a sua aniquilação a uma realidade exequível de democracia, tanto para os aspectos raciais em que as desigualdades acontecem em âmbitos sociais e morais.

Na contemporaneidade podemos encontrar mulheres negras que lutam contra essa ditadura. Para melhor compreensão das resistências, citamos Doralyce Gonzaga², cantora Pernambucana que tem suas letras ligadas ao cotidiano dos negros em especial a música “miss beleza universal”, que questiona os padrões de beleza impostos às mulheres:

Mode on high tech, modelo ocidental
magra, clara, alta miss beleza universal
é ditadura, quanta opressão não basta ser mulher, tem que tá dentro do padrão
f**-se o padrão [...] (GONZAGA, 2017).

Doralyce Gonzaga traz um canto revolucionário que desperta para os padrões eurocêntricos estabelecidos pela sociedade, trazendo o corpo da mulher com padrões aceitáveis para uma beleza. Analisando a letra a cantora traz um incentivo para o enaltecimento, visando a aceitação individual da beleza feminina, assim como o empoderando a partir do contexto evidenciando o cabelo natural como o empoderamento da mulher, sobretudo, o corpo negro.

As discussões acadêmicas em torno do cabelo crespo/cacheado enquanto ressignificação da identidade étnica tem por finalidade resgatar significados e representações, pois este não se constitui isoladamente assim como demais fatores estéticos como a cor da pele em uma sociedade desigual.

O cabelo é um dos fenótipos mais tradicionais para uma classificação racial, dessa forma a construção dos estereótipos que considera e classifica enquanto o cabelo “bom” dos brancos e o cabelo “ruim” dos negros foi influenciado pelo racismo, enraizado na sociedade que equivale ao tratamento desigual motivado pela não aceitação das diferenças. “O racismo é o mal socialmente criado pelo homem e mulher para inferiorizar o outro, ele prejudica profundamente qualquer que seja a pessoa que de uma forma ou de outra é submetido a sua prática” (DIAS, 2016 *apud* SANTOS, 2015, p.18). A pessoa negra recebe tratamento diferenciado em diferentes aspectos na sociedade; é propriamente o racismo que gera a inferiorização do outro.

O racismo é um sistema que afirma superioridade de um grupo racial sobre o outro... o que é um grupo racial? A pergunta parece tola: ninguém confunde um preto com um branco, um índio com um japonês e, se for um bom observador, não confundirá, também, um Judeu com um italiano. Nenhum desses grupos de pessoas é, porém, uma raça. Pretos e branco são apenas conjuntos de indivíduos que têm essas cores-nada mais. (um sujeito preto pode, por exemplo, estar biologicamente mais próximo de um branco do que de outro sujeito preto.) Índios e judeus não são raças, são povos (grupos de pessoas de raças distintas que vivem juntas num mesmo território). Quanto a japoneses e italianos, são nacionalidades, assim como o são brasileiros, angolanos, dinamarqueses, etc. (SANTOS, 2005, p. 11).

² Doralyce Gonzaga, cantora, compositora. Cresceu dividida entre a Zona da Mata Sul e a Região Metropolitana do Recife, começou a carreira em 2010, época que entrou para o Grupo Artístico Percussivo Conxitas assumindo um dos vocais, inspirada em ritmos regionais e interpretando artistas pernambucanos, disponível em: <http://dicionariompb.com.br/doralyce-gonzaga>

Em um país que canta “nega do cabelo duro”, “o teu cabelo não nega mulata”, ressalta o quanto o cabelo da mulher negra é inferiorizado. Não obstante, o mercado de cosméticos impõe a essas mulheres a ditadura do alisamento e da chapinha desde muito cedo. Mulheres negras com cabelo natural que passaram por situações de inferiorização, estigmas e preconceitos racistas tentam camuflar os cabelos e dos filhos para que eles não sofram as mesmas situações e com isso possam ser aceitos no sistema imposto.

O alisamento, nesse contexto, passa a ser uma questão cultural entre as mulheres negras, que tentam proteger suas filhas, que de certas formas são as mais atingidas por ter um cabelo discriminado “rebelde/exótico” e, não muito agradável aos olhos da sociedade. Este é o principal motivo ao qual as meninas, ainda criança, passem por dolorosos processos de manipulação que variam da química com formol ou chapa quente para modelar e mudar a estrutura dos fios.

O cabelo crespo é um atributo marcante característico do negro, e quando o debate gira em torno de cabelo imediatamente é vinculado a questão identitária. O cabelo crespo/cacheado transmite não apenas a questão estética, mas também significados a ser pauta em diversos âmbitos sociais. O reconhecimento devir mulher negra significa lutar e defender-se para que sua identidade seja reconhecida e respeitada. Deveras é importante salientar que luta possa ser de fato um fardo, por sempre existir meios de estereotipar o cabelo crespo, sempre com a conotação de cabelo ruim.

Eu tenho o cabelo duro
Mas não o miolo mole
Sou afro brasileiro puro
É mulata minha prole [...]
(ASSUMPCÃO³, 2004).

Em outras palavras, apesar da afirmação de cabelo “duro” forjada por preconceitos, o autor e intérprete, refere-se a sua afro-descendência. Esse termo referente ao cabelo foi um importante instrumento nas lutas e mobilizações negras em busca de igualdade de direitos.

Muitas mulheres negras sofrem com esse tipo de racismo, perverso e desumano, com comentários de racismo disfarçado do tipo “teu cabelo não tá legal hoje, porque você não prende?” ou “arruma o seu cabelo, tá muito cheio!”. A sociedade olha para a mulher negra e insiste no direito de intervir diretamente em sua vida. As pessoas não ligam se esses comentários podem ferir, magoar, justificando-se que historicamente, no imaginário da sociedade brasileira, a mulher negra é forte e pode aguentar qualquer coisa.

³ O poeta, compositor e músico Itamar de Assumpção, que dá nome ao Espaço Itamar Assumpção, natural de Tietê, São Paulo, nasceu no dia 13 de setembro de 1949, letra completa ao qual foi retirado o trecho, disponível em: <https://www.letras.mus.br/itamar-assumpcao/272413/>

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar comparativamente as questões de ressignificação do cabelo crespo e cacheado entre as estudantes brasileiras e as estudantes africanas na perspectiva de negação e subordinação a uma estética normatizada, eurocêntrica e qual o resultado do empoderamento desses dos grupos é proeminente.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Analisar as falas das rodas de conversas aos quais estudantes negras e empoderadas estabelecem um discurso de afirmação étnico racial.
- b) Contribuir para o campo de estudos na área da antropologia das populações afro-brasileiras, especialmente no recorte de gênero e raça.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Pretende-se modelar o referencial teórico que irá embasar a eventual pesquisa, por ser um assunto de área de conhecimento da antropologia, torna-se importante definir os conceitos sobre identidade negra e a perspectiva de ressignificação identitária. Desse modo, “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros Brasileiros”(GOMES, 2003, p. 171).

O alisamento é justamente essa imposição do aceitável, ou a mulher negra se declina sob as estéticas normativas impostas ou ela não terá lugar na sociedade, tanto no mercado de trabalho como nas relações afetivas. O cabelo crespo ocupa um lugar central na memória e na reconstrução de que foram vítimas na infância (FIGUEIREDO, 2004,p.225), por causa da discriminação e preconceitos vividos por mulheres negras ao longo da infância e adolescência, e que ao longo do tempo incorporaram representações negativas em relação ao cabelo, em que o cabelo crespo é cabelo “ruim” ao qual precisa ser “domado”. O cabelo é o fenótipo que seria viável manipular, e muitas mulheres recorreram a esse procedimento.

A simbologia do cabelo “ruim” e do cabelo “bom” reflete dinâmicas raciais que traz consequências de uma padronização de beleza. O padrão estético ideal estabelecido pelas sociedades impõe à mulher negra situações de baixa estima, vergonha e inúmeras situações constrangedoras.

De acordo com Gomes (2003, p.174) “o cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo”. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia sua simbologia difere de cultura para cultura. Desse modo, no que diz respeito à conformidade ao processo de aceitação na sociedade e a relação de mulheres negras com seus cabelos; (Kofes (1996 *apud* FIGUEIREDO, 2008, p. 248) justifica que “o cabelo é um tema muito presente no cotidiano das mulheres negras e mestiças, muitas gastam quantias significativas dos seus salários para ter um “cabelo bonito” aos seus olhos e aos olhos dos outros”.

Figueiredo (2008, p. 238) afirma que “alisar o cabelo na sociedade brasileira pode não ser visto apenas como um exercício de beleza, mas também pode ser considerado como uma tentativa de mover-se na escala classificatória de cor, tornando-se menos negro”. A referência de aceitação da mulher negra recai caso ela possui a pele mais clara e os cabelos mais comportados, querendo aqui ressaltar que pode ser aceito o cabelo crespo ou cacheado, mas na forma mais branda, de maneira que o cabelo tenha a forma cacheada padrão.

Os padrões estéticos eurocêntricos impostos em nossa sociedade vêm promovendo, cada vez mais cedo na vida de mulheres negras, a ideologia de que o cabelo crespo para ser considerado “socialmente aceitável” precisa estar dentro desses padrões (SILVA, 2014,p.13). Ou seja, os padrões para esse “socialmente aceitável” seria um cacho modelado, cacho perfeito. A padronização do cabelo crespo/cacheado está sem dúvidas nos debates de mulheres negras sobre os rótulos dos cosméticos destinadas a elas, o consumismo alienado que está sendo imposto, que neste contexto podemos denominar ditadura dos cachos, não faz jus às consumidoras.

Facilmente encontra-se mulheres de pele clara, com fenótipos negroides pouco delineados e com cabelos cacheados fazendo propaganda de cosméticos para todos os tipos de cabelos, nota-se nesse momento que existe apenas uma construção capitalista do desejo de consumo e, por conseguinte, nenhuma representatividade, visto que as mulheres com cabelos crespos que não contêm os fios com formas definidas estão fora do enquadramento desses rótulos que não existem produtos para elas, a não ser que se ajustem em mais uma vez às normatividades exigidas.

Essas linhas de cosméticos estão fora do contexto de muitas mulheres que não tem o tipo de fio que forma cachos; dessa forma a imposição para o alisamento se transformou em uma forma branda de manipulação de controle do aceitável.

À medida que mulheres negras resgatam sua identidade e ressignificam o seu cabelo é uma forma de resistência. Pode-se observar que o empoderamento dessas mulheres começa na decisão de deixar aflorar a sua ancestralidade e usar o seu cabelo como um escudo, contra a postura dominante. “Cortar o cabelo, alisá-lo, raspá-lo, mudá-lo pode significar não só uma mudança de estado dentro de um grupo, mas também a maneira como as pessoas se veem e são vistas pelo outro, o cabelo compõe um estilo político, de moda e de vida” (GOMES, 2002,p.50).

O fim do padrão de beleza que oprime, apaga a sua raiz e a sua ancestralidade deve ser questionado, problematizado e desconstruído. Dessa forma, uma dessas armas dar-se na transição capilar, sendo esta uma forma de resistência e de retomada a estética negra feminina possível. Ou seja, permitir que ao usar o cabelo crespo /cacheado e deixar saltar aos olhos que a mulher negra pode se colocar no lugar de privilégio. “A luta volta-se para o reconhecimento do cabelo crespo como símbolo de identidade e raiz [...]” (SANTOS, 2015,p.16).

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

O início deste trabalho deu-se a partir das análises de áudios das rodas de conversas realizadas na UNILAB ao qual foram conduzidas pela professora Dra. Vera Rodrigues tendo um olhar sobre a relação com o cabelo e identidade. Desse modo, a dinâmica proposta foi a troca de relatos sobre “Meu cabelo e Eu”. Além de links e estudos bibliográficos que abordam o tema.

As rodas de conversa aconteceram no período de junho de 2017. A segunda roda de conversa aconteceu no dia 22 do mês supracitado, com a participação de seis estudantes de diferentes nacionalidades e do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidade (BHU), assim como suas terminalidades: uma brasileira, do curso de Humanidades; duas cabo verdianas do curso de Pedagogia, uma santomense do curso de Pedagogia; duas guineense, sendo uma do curso de sociologia e outra de humanidades

A metodologia da roda de conversa teve como ponto principal o debate a partir de uma rodada de apresentações propostas pela dinâmica, apresentando um objeto ou frase que seja significativo para ilustrar a sua relação com cabelo. As estudantes negras que fazem parte dessa roda de conversa, inicialmente apresentavam-se falando da sua nacionalidade e do objeto apresentado e a sua justificativa da escolha.

Do que se segue, serão apresentadas e analisadas as narrativas das interlocutoras participantes da roda de conversa tendo o seu nome preservado. Para cada uma das seis estudantes foi conferido um codinome, fizemos a opção de dar-lhes nomes exclusivamente dados a mulheres no Brasil.

Me chamo Maria, sou brasileira, tenho 36 anos, mas apenas há 2 anos eu me descobri negra, que até então eu não sabia que eu era negra e só descobri quando cheguei aqui na UNILAB, e comecei a entender sobre identidade. Na verdade eu não trouxe só uma foto, tipo assim, eu trouxe uma história dos meu cabelo, muitas recomendações! Minha mãe me deu as fotos de criança, olha! Toma cuidado pra não perder (risos)! Essa aqui é minha foto no jardim, minha mãe cuidava dos meus cachos, eu ia toda lindinha pra escola, sem nenhum problema. Quando fui crescendo aos meus 11 anos, eu tinha revolta dos meus cabelos, porque eu era estilizada no colégio por causa do meu cabelo. Na verdade, eu era chamada “nega **da lata**”, aquela propaganda da “**nega do Pajeú**”. Eu era a nega da lata na sala, eu fiz a minha mãe cortar meu cabelo porque eu não aguentava ser chamada de nega da lata na sala. Fiz minha mãe cortar, eu era Joãozinho, cortei meu cabelo inteiro aos 11 anos. Na minha adolescência é eu não, eu tinha um certo trabalho com cabelo, mas assim, a respeito de interação mesmo com minhas amigas adolescentes, todas eram brancas, mais ou menos mais claras, com cabelos lisos. Essa foto aqui foi um sacrifício, eu só andava com o cabelo preso já cacheado, bem cacheado, mas eu só tinha essa única foto que eu tenho com o cabelo solto, tinha 18 pra 19 anos, mas ele era preso, simplesmente. E esse aqui eu fiz um mix dos longos anos que alisei o cabelo, tá! longos anos [...]

O relato da estudante brasileira consiste nas situações de discriminação e preconceito constatado no cotidiano de meninas negras, em que o seu cabelo crespo é o principal alvo do

racismo. Quando a interlocutora fala que “eu tinha um certo trabalho com cabelo, mas assim, a respeito de interação mesmo [...]”, bem como ter crescido ouvindo que seu cabelo não era “bom” passou então a ter trabalho de deixá-lo adequado para ser inserida no coletivo ao qual queria fazer parte. Enquanto criança, a estudante sofria com estigmas, não entendia e, por fim, sofria calada.

Ao chegar na adolescência, sentia-se a necessidade de ser aceita no espaço e relações sociais de suas amigas brancas, portanto, tendo trabalho para camuflar a sua identidade.

Percebemos um intrincado sentimento de um não pertencimento, ao qual a estudante almeja de qualquer forma fazer parte de um amontoado de pessoas brancas. De acordo com Carneiro (1995), trata-se de uma construção identitária:

[...] a construção da identidade é um processo que se dá tanto pela aproximação com o outro (aquele com quem desejamos nos assemelhar e que é qualificado positivamente) como pelo afastamento do outro (de quem nos julgamos diferentes e qualificamos negativamente) Na tentativa de diminuir o medo e a ansiedade causados pela possível semelhança ou dessemelhança entre eu e o outro reproduzo imagens que me aproximem do positivo e me afastem do negativo [...].

Quando a autora refere a construção de identidade tanto na qualificação positiva quanto negativa podemos estabelecer que a estudante brasileira afirma que manipulava os cabelos para o sentido de interação, ela está se deslocando entre esses dois pontos positivo e negativo. No ponto positivo, naquela altura, é a forma ao qual está minimamente inserida no grupo, na sua forma negativa está atribuindo uma ideia disforme a sua identidade étnica.

De acordo com Gomes (2002), as experiências do negro em relação ao cabelo começam ainda na infância e que o processo de manipulação do cabelo, especificamente, para o negro brasileiro dá-se em meio às tensões que podem expressar diversos sentimentos de rejeição, aceitação resignificação e, até mesmo a negação ao pertencimento étnico racial. A fala da estudante brasileira nos mostra a representação negativa do negro, os estereótipos, os fenótipos e o racismo disfarçado e descarado.

Segundo Silva (2014), o cabelo crespo é apontado como marca de inferioridade, quando o objetivo é discriminar, menosprezar, ridicularizar esses sujeitos. Ser negro em uma sociedade que ensina desde sempre a negação dos valores relacionados à afro descendência pode ser compreendido como um desafio muito doloroso, assim como questionar o lugar de pertencimento, haja vista que o auto reconhecimento identitário não acontece de fora para dentro e sim de dentro para fora.

As apresentações tomam sequência, após a exibição das fotos e relatos da estudante brasileira, vejamos o relato de Ana, estudante Guineense do curso de Sociologia:

Tipo assim, antes de eu falar sobre o que eu trouxe e porque que eu trouxe assim, gostei muito da fala de Maria, isso me lembra muitas pessoas, muitos exemplos que já vi pessoas falando que tipo só descobriram identidade negra um pouco tempo depois de já de ter crescido. Então, tipo, a culpa não é dela, a culpa é da própria sociedade. Como as coisas foram construídas ao longo do tempo. Mas, se você se aceitar e querer descobrir e isso é muito bom, acho importante a fala dela. Eu trouxe um pente que eu acho que a maioria das mulheres guineense, eu não digo africana em seu todo para não exagerar guineense, mas a maioria das guineense tem esse pente, porque tem? Porque para nosso cabelo você tem que usar um pente desse tipo é como esse pente fosse feito pro nosso cabelo, então eu tive uma convivência direta com um pente desse aqui. Desde que eu soube, desde que eu cresci eu comecei a tratar o cabelo, foi com esse pente, um igual a esse aqui, não exatamente a esse aqui porque esse pedi há pouco tempo, então minha mãe usava esse aqui pra pentear meu cabelo, pra fazer meu cabelo. Eu passei a conviver a minha infância, minha vida toda foi com esse pente, que não dá pra usar o outro, o outro pra usar você tem que alisar você tem que sair do seu padrão de beleza ou de cabelo pra usar o outro, por que não é compatível com o nosso cabelo, então acho esse pente representa muita coisa pra mim. Em termos de identidade de cabelo, enfim, de outras coisas, por isso eu trouxe, tá quebrado, mais tá valendo pra pentear (risos).

Percebemos que a fala de Maria (brasileira) e da Ana (guineense) relatam as suas infâncias e as relações com os seus cabelos baseados em contextos diferentes. Maria não gostava de seus cabelos por ser ridicularizada na escola, ao ponto de pedir a sua mãe que cortasse o seu cabelo por inteiro, submetendo-se às tentativas de escape dos conflitos diários aos quais enfrentava na escola. Com a sua transição para a adolescência, a estudante, para ser enquadrada as normatividades de um cabelo adequado submete-se ao alisamento dos seus cabelos, visando a possibilidade de ser aceita entre suas amigas brancas. De acordo com Hooks (2017), a construção desse pensamento preconceituoso deve-se a herança patriarcal

Dentro do patriarcado capitalista – o contexto social e político em que surge o costume entre os negros de alisarmos os nossos cabelos –, essa postura representa uma imitação da aparência do grupo branco dominante e, com frequência, indica um racismo interiorizado, um ódio a si mesmo que pode ser somado a uma baixa autoestima.

Ou seja, a prática do alisamento foi imprescindível para a aceitação de Maria, nossa interlocutora brasileira, ao coletivo de amigas brancas. No entanto, Ana nossa interlocutora guineense, aprendeu com a sua mãe como cuidar do seu cabelo crespo e aceitá-lo, trazendo um pente usado relacionando-o à sua identidade.

A proposta da roda de conversa vai muito além de relatos sobre a relação com o cabelo e identidade. As emoções de cada relato mostram o quanto que os sofrimentos, as frustrações estão ligadas ao pertencimento identitário étnico-racial associado ao cabelo crespo. Em um segundo momento, em que as apresentações já estavam em andamento, as estudantes de Cabo Verde juntaram-se ao grupo e contribuíram com os seus relatos:

Meu nome é Lúcia, sou cabo verdiana, tô no penúltimo semestre de Pedagogia, é, é a professora falou pra pensar numa frase, eu sempre falo que eu e meu cabelo somos resistência, e aqui no Brasil eu aprendi um pouco mais sobre resistência. Em Cabo

Verde eu tive vários períodos de alisar e voltar ao natural, mas eu não tinha consciência disso, eu só fazia por que sim!

Mas aos 12 anos minha mãe alisou meu cabelo, porque ela achava que não conseguia pentear meu cabelo. Ela pagava alguém para trançar e depois não tinha muita paciência e, ela acabou alisando meu cabelo quando eu estava entrando no Liceu, que a gente entra com 12 anos, aí depois eu alisava mais não dava muito certo porque eu vivia no mar todos os dias então água do mar com alisante não é exatamente uma boa combinação (risos). Só que quando eu vim pro Brasil eu comecei a pensar sobre as questões de identidade, de ser negra acima de tudo, de ser mulher e comecei a pensar sobre estética, porque até então eu não tinha parado pra pensar sobre isso. A gente caiu de paraquedas na UNILAB, em Redenção, a gente se depara com o racismo, acha que o Brasil não é essa democracia racial que se diz e aí comecei a, a... eu cortei meu cabelo já duas vezes, estou na segunda transição agora (risos), é, já o relato é muito parecido, a gente escuta muitas coisas, há alguns comentários são disfarçados de bondade: “A minha tia tem um salão” (risos) ou então “eu gosto quando você está com o cabelo preso você fica mais bonita (risos)”, que tipo assim! Você pode ter o cabelo crespo, mas não precisa andar com ele exposto assim, porque “tá me incomodando, cê tá na frente, senta atrás teu cabelo não está me deixando ver a lousa [...]”.

Ao mencionar que na sua infância passou por vários momentos entre alisamentos e deixar o cabelo natural, Lúcia estudante de Pedagogia não fazia menção à questão de identidade ao qual o cabelo ressalta. Ao mencionar “eu não tinha consciência disso, eu só fazia porque sim” o contexto de cabo verde é bem diferente do contexto brasileiro, em que no Brasil o alisamento é uma ferramenta de imposição de um padrão estético, e que em Cabo verde existe racismo sim, mas por conta da pigmentação da pele, não relacionava-se tanto o cabelo quanto aqui no Brasil. Para a estudante de Pedagogia a estética imposta aqui no Brasil é um ato racista e desumano.

[...] é uma coisa que na verdade me revolta muito “o racismo”, né! E é uma raiva que eu não sentia antes e que eu não gosto de senti. Na verdade, é uma coisa que eu não consigo entender é que me tira do sério, me tira o chão [...] (Lúcia, cabo verdiana)

As constantes situações de discriminação que há tempos negras brasileira passam por causa de seus cabelos crespos/cacheados é sentido “na pele” pelas estudantes africanas, isso porque os padrões estéticos que são impostos pela sociedade compulsória por uma estética aceitável, que precisa se adequar aos padrões de beleza às características físicas e os padrões podem definir a identidade étnica, provocando manifestações de preconceito na sociedade.

Infelizmente nossas crianças não nascem racistas, elas estão sujeitas à ensinamentos e práticas racistas; isso dependendo de como a criança foi sujeita os ensinamentos. É bem triste descobrir isso na pele como relata *Lúcia* estudante cabo verdiana do curso de pedagogia:

[...] Outro dia eu tava de, foi terça-feira, não!, segunda-feira eu tava de trança, aí eu tô fazendo estágio na educação infantil, aí uma menina tava olhando, olhando pro meu cabelo olhava sem parar, e aí ela pegou e eu disse: “você tá olhando pro meu cabelo?” e ela: “tô”, e eu: “você gostou das tranças?” e ela: “não!” ,e aí a outra amiguinha disse: “não é pra você gostar, as tranças dela são lindas (risos)”, e as duas são negras. Aí eu fico pensando assim, de como quando elas se descobrirem negras

como esse processo vai ser doloroso, como elas vão passar por coisas que eu não passei na minha infância, porque era outro contexto em Cabo Verde.

Lamentavelmente o comportamento dessas crianças é o reflexo da sociedade, embora haja aceitação do cabelo crespo, ele incorpora uma padronização dessa estética negra até despercebida aos desatentos. As palavras de *Lúcia* nos fazem pensar que a questão étnico-racial muda de perspectiva no contexto Brasileiro e de Cabo verde. Relatos de sua conterrânea que se chama *Joana*, também estudante do curso de Pedagogia, mostra não apenas a sua relação com o cabelo, mas o que ela percebeu com a sua chegada ao Brasil:

Bom, ao contrário da *Lúcia*, eu alisei meu cabelo, porque foi com 17 anos quando eu tava me formando no ensino médio pra sair, aí minha mãe não queria, bateu a pé que não vai alisar o cabelo, que não posso alisar o meu cabelo porque ele acha lindo é bonito, mais essas coisas de entrar na moda, né? Todo mundo tava usando o cabelo alisado, aí eu sou uma pessoa que é gosta, eu gosto muito de experimentar coisas, se não der certo, paciência.

Sei que já experimentei e não deu certo, aí eu disse: “não mãe, vou alisar, porque também gosto do meu cabelo, mas eu queria experimentar o que é ter cabelo liso e tal, aí eu saí e comprei alisante, voltei! Ela: “você comprou?” eu: “comprei e vou dar.” aí ela: “você não vai alisar!” eu: “eu vou alisar”. Fui pra casa da minha vizinha, ela alisou, voltei toda alisada aí (risos), aí ela falou, falou, mais vai passar com o tempo. Assim, no início é lindo? É lindo, mas cansa, quando começa já, o teu cabelo começa a crescer aí dá um trabalhão, aí veio o arrependimento né! “Meu Deus, porque que eu fui alisar o cabelo?” Aí aquele arrependimento, mas foi bom pra experimentar, eu vi que não era coisa doutro mundo, aí quando eu vim pra cá alisada quando eu cheguei aqui de um ano depois eu resolvi que eu queria meu Black de novo. [...] a gente não sabe o da manhã, mas eu não pretendo alisar o cabelo, porque eu gosto dele assim. Eu quero que ele cresce assim, é como *Lúcia* falou, a gente ouve muito essa coisa “sai da frente teu cabelo tá incomodando”(risos) se você tá assim eles vem brincando “há tomou choque?”, essas coisa aí eu brinco junto e não levo no peito porque é uma coisa que você for levar no peito vai ficar com mágoa e com ódio que é capaz de você mesma botar na cabeça que seu cabelo é feio é que você não queira ele assim, então eu prefiro tomar como na brincadeira [...].

Indubitavelmente o racismo disfarçado de brincadeira é encarado pela estudante de Cabo Verde como uma discussão que lhe tomaria ainda mais desgaste, pois seria discutido um ato racista provavelmente de um não racista. A ideia de que o brasileiro não é racista entra em uma contradição significativa, embora pesquisas com brasileiros apontam racismo no Brasil.

Bem como afirma Schwarcz (2010) que “todo brasileiro se sente uma ilha de democracia racial cercado de racistas”, piadas e brincadeiras racistas não são novidades entre os brasileiros, mas isso não é tão simples assim quando o argumento “brincadeira” serve para manifestar o racismo, sem ter que responder por uma acusação de racismo, o mesmo ocorre quando a “brincadeira” ofende qualquer esfera que esteja fora dos padrões aceitáveis, a exemplo, o cabelo quando a estudante de Cabo verde relata uma pergunta racista, porém “brincadeira” a respeito do seu cabelo, “*tomou choque?*” uma pergunta tendenciosa que utiliza como alvo o cabelo, um dos principais símbolos utilizados nesse processo de afirmação de uma identidade

étnica, o que o ato de “brincadeira” mostra o quanto é doloroso para quem é vítima do racismo e o quanto a prática de tais “brincadeiras” mostram que a sociedade brasileira é estimuladora do preconceito étnico-racial.

A roda de conversa que tem como objeto principal dos debates “o cabelo”, tomamos como um discurso que envolve além de práticas meramente estéticas, reações de entendimento de pertencimento a uma identidade. Os discursos da *Maria* (brasileira), *Ana* (guineense), *Lucia e Joana* (cabo verdianas), detalham suas relações com o cabelo e as formas que encaram as suas existências de mulheres negras, ressignificando-se e apoderando-se de suas identidades através do seu cabelo. Assim como as estudantes supracitadas, *Paula* (guineense) e *Bia* (santomense), afirmam o seu lugar de pertencimento e sua identidade:

Eu, uma frase que eu sempre uso com relação ao meu cabelo é “meu cabelo é minha identidade” a pessoa já olha pra mim e sabe de onde eu sou, minha origem [...] é uma questão de você não negar tuas raízes, entendes? eu vejo assim a algumas mulheres não são obrigadas por exemplo a alisar o cabelo, certo? Só que eu entendo que tendo o cabelo crespo como ele é, eu tô me aceitando e tô mostrando minha origem minha história e dizendo que, eu não nego isso que eu sou assim e eu me aceito como eu sou. É basicamente isso. (Bia, santomense)

Então, hoje em dia eu reparo desde que eu cheguei aqui no Brasil, eu reparo que quando uma pessoa olha pra mim, olha vira a cara e olha de novo, tipo assim “tu não és brasileira, né?” Ou seja, o meu cabelo é uma forma de dizer “olha, hello!, não sou brasileiro, não sou europeia, sou africana, tipo repara através dos meu cabelo que sou isso, é como a Joana e a Bia (confirma aqui o pseudônimo delas) disseram que sempre é associado a identidade e a forma de dizer “olha o meu cabelo diz que eu sou daqui “ no caso então pra mim é assim. (Paula, guineense)

A abordagem do assunto proporcionou uma outra questão levantada por *Bia* [...] “ah! assim você ter a tonalidade da pele mais clara, ah, você não é africana, essa é uma coisa a se repensar, sabe por quê? Não é a cor da pele que diz que você é ou não africana”. Pensamos a partir do contexto brasileiro, de ser ou não negro em relação a tonalidade de pele, esse foi um processo de embranquecimento da nossa nação, deturpando o ser negro na sociedade. Durante muito tempo teve-se a ideia de melhorar a raça negra com os processos de miscigenação, um clareamento visível da população.

No contexto brasileiro a cor da pele não é vista separadamente do cabelo em uma sociedade desigual que segundo a professora Dra. Vera Rodrigues “que coloca em uma posição não bem-vinda na sociedade, isso se torna mais aceitável, então a pele mais clara, o cabelo mais liso”. É bem evidente que muitas mulheres negras brasileiras desde muito cedo são submetidas a esse processo de branquitude, por assim dizer de “morenização”. Nesse contexto, o fenótipo da pele era uma coisa que não se queria passar a diante.

Outro lado é que existem resistências na esfera da subjetividade do negro relacionamento com o cabelo nos aproxima dessa esfera mais íntima, participar de encontros

como esse proposto pela professora e Dra. Vera Rodrigues, abrindo um leque de debates aos quais muitos passaram na infância relembrar experiências vividas e que perduram na fase adulta, estabelecer construção de subjetividade e de ressignificação de sua identidade étnico racial.

Quando a pessoa toma posse de sua identidade e que percebe que durante muitos anos ela tentou ser uma pessoa que não era, que ao se olhar no espelho não se reconhecia como negra, e por interferência da sociedade negou o seu lugar de pertencimento, mas ao passo que começou a entender sua ancestralidade, a sua identidade assim como seu cabelo floresceu, assim afirma *Maria*:

[...]Eu a achava assim(pausa) , que eu me neguei durante muito tempo, muito tempo [...] eu fui deixando meu cabelo como se diz? fluir! e com ele foi reavivando, aflorando esse sentimento que eu tenho de ser mulher negra, que até então eu não sabia que eu era, não sabia que existia essa possibilidade de ser bonita!, ter o cabelo crespo, e se eu não me achava bonita então ninguém me achava bonita , só me achava bonita porque eu seguia aquele padrão de beleza que todo mundo sabe, né? [...]

O corpo negro, os cabelos crespos trazem representações negativas aos quais a sociedade impõe que o negro é inferior e essa depreciação dos atributos físicos como os lábios grossos, nariz largo e cabelos crespos significam por completo que não existe lugar de aceitação para aqueles que não tentarem se ajustar aos padrões impostos ou seja dos padrões eurocêntricos. Tentar esconder qualquer traço negroide foi uma das principais motivações para se inserir em meio a um grupo de amigas brancas, assim nos relata *Maria*, estudante brasileira do curso de humanidades:

[...] eu me sentia até confortável, eu alisava o cabelo super preto!, e eu passava na rua as pessoas diziam “valha!, parece uma indiazinha!”,(risos) olha meus traços assim, nariz fino, pele meio morena “moreninha”pele “moreninha”, cabelo liso parece uma indiazinha, eu não me sentia desconfortável com isso. Mas se eu tivesse com o cabelo cacheado e alguém passasse, me chamasse de “nega” “neguinha”, gente isso era o meu fim eu morria (suspiro) [...].

De acordo com sua narrativa , *Maria* queria desfrutar mesmo que minimamente de uma aceitação que ao seu ver, na comparação com uma “indiazinha” seria menos ofensivo que ser chamada de “nega” ”neguinha”, a relação com o cabelo é um item fundamental, tão logo nossa interlocutora incensa o cabelo “ eu alisava o cabelo super preto” concordando com semelhança comparativa a de uma “ indiazinha” atribuída ao momento em que manipulou o cabelo. O desprezo por sua aparência enquanto comparada a uma “nega” ”neguinha” nos faz refletir o que se passa na cabeça de uma jovem que passou a vida entendendo que ser negro é uma coisa ruim ao ponto de falar que [...] “era meu fim , eu morria “, aqui refletindo vários

sentimentos, bem se percebe com tal frase enfatiza o sentimento de vergonha e que não queria passar por rejeição.

O sentimento de ser considerada negra reforça as depreciações que a sociedade acomete aos negros. Foi assim que *Maria* nossa interlocutora brasileira aprendeu que ser negro em uma sociedade racista representa um não lugar.

Parafraseando Figueiredo (2004), para as mulheres, a questão do tipo de cabelo, seja ele crespo/cacheado, ocupa um lugar central nos debates sobre racismo, as quais essas mulheres foram vítimas de constrangimentos na infância seja nas escolas ou lugares considerados públicos, ao passo que o cabelo seja um fenótipo que primeiro é atacado, então ele também pode ser manipulado, e foi isso que *Maria* fez, alisando o cabelo não para ser notada, mas, sim para passar despercebida e conseqüentemente inserida em meio as suas amigas brancas.

A sociedade submete as mulheres negras a uma rígida cobrança de uma estética aceitável:

[...] todo mundo que eu conheço aqui em Redenção e adjacências, todo mundo que tinha o cabelo cacheado ,todo mundo era alisada, pra você ter uma ideia aqui em Redenção nas redondezas você não encontra nenhum salão que cuida dos cabelos cacheados , tipo assim ,”menina vai ajeitar o cabelo” ajeitar o cabelo o que era ? ir no salão e alisar! (Maria, brasileira)

A ideia de perfeição, de uma estética padrão muda a vida de muitas mulheres negras, a busca desse padrão inalcançável faz com que elas modifiquem seus corpos e manipulem seus cabelos, o alisamento tornou-se compulsório, além de agredir os fios, agride a identidade, inegavelmente a manipulação acomete a mulher negra a rejeição, a identidade étnico racial. Ademais, fica muito difícil estacar um pensamento que foi por muitos anos condicionadas às mulheres com cabelos crespos e cacheados que o “belo”, o “lindo” é ter cabelos lisos e no máximo levemente ondulados.

Na sociedade capitalista existe uma vasta quantidade de produtos específicos direcionados a cabelos crespos e cacheados, visando a lógica vazia do capitalismo e do racismo. Mais uma vez o capitalismo continua ditando o que se pode ou não usar, impulsionando-nos a aceitar os seus preconceitos velados de produtos que buscam invisibilizar a identidade étnico racial. A problemática que envolve os cosméticos que são direcionados as cacheadas e crespas entra nos debates da Roda de conversa em que se depara com a padronização dos cachos, desse modo, seguimos com a fala de *Bia* (estudante santomense) e de *Lucia* (estudante cabo verdiana):

[...] eu ia falar da questão dos produtos, que assim, tem algumas meninas que tem o cabelo tipo 4c, tipos de cabelo ,tem algumas meninas que assumem o cabelo mas não querem que o cabelo fique nessa textura, por exemplo o da Lúcia sem definição,

por isso essa questão dos produtos é mais que um padrão!, porque os produtos que estão a produzir agora, é mais pra cabelo cacheado, dificilmente você encontra pra cabelo crespo e se tem é pra deixar o crespo cacheado, entendes ? definição !. (Bia, Santomense)

[...] é, raramente você encontra produtos dessas linhas para cabelos crespos, e tudo “tenha cachos perfeitos, defina seus cachos”, e quem não tem cachos? pra quem você tá falando? (Lucia, cabo verdiana)

A indústria de cosméticos vem deturpando todo o processo de construção identitária, ao ponto que quando a mulher negra decide passar pelo processo de transição capilar designa ter sua autoestima feminina negra restabelecida e declarar sua independência dos padrões de beleza eurocêntrico, eis que a indústria lança produtos que prometem formatar os crespos e deixar os cachos perfeitos .

A “tolerância” para com os cabelos afros é mais uma das estratégias do mito da democracia racial, aqui rege o apelo consumista que encontra um público grande ao qual tem receio de mostrar o cabelo inteiramente natural, em uma das falas de Bia nossa interlocutora santomense, é claramente exposto que mulheres negras querem sim ter o cabelo sem química, mas não querem um cabelo crespo sem definição, e, é justamente nesse ponto que nossas mulheres negras são enclausuradas na ditadura dos cachos. Vale ressaltar que vivemos em uma sociedade racista, machista e sexistas, deste modo a mulher negra usa o cabelo como capital simbólico do seu empoderamento, pois o uso do cabelo natural é uma autoafirmação de suas raízes.

Nesse contexto de empoderamento nossa próxima interlocutora *Maria* expõe a sua transição capilar; ademais, o cabelo é uma ferramenta introspectiva de empretecimento.

[...] quando eu comecei a passar pela transição a minha mãe disse assim: “santa UNILAB né Maria (risos)”. A partir do momento que as meninas estrangeiras chegaram com os seus Black, suas tranças, gente! eu fiquei maravilhada! Eu nunca tinha visto pessoas assumirem a sua identidade, deixar o cabelo fluir, deixar ser vistas como elas são[...].

A relação com o cabelo e a Universidade, foi um ponto muito relevante para a Roda de conversa, as interlocutoras manifestaram como se deu a sua relação com o cabelo no contexto universitário, basicamente na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

[...] oi! , eu sou a Paula , em relação ao meu cabelo e a UNILAB, eu pude reparar tanto aqui como antes em Cabo Verde que é mais tolerável um cabelo cacheado do que um cabelo crespo, principalmente vindo de uma mulher, porém negra, mas de pele clara né (risos), que aqui tem muita essa diferenciação, donde eu vim essa diferenciação assim tipo ah!, tu és negra mas tens a pele clarinha e parece ser Baiana e tens o cabelo bonito, então foi isso que eu pude reparar que tem muita hierarquização em relação ao tipo de cabelo afro, e, então pelo fato do meu cabelo ser mais tolerável. Ah! as pessoas têm a abertura. digamos assim, assim! eles se sentem à vontade de chegar em mim e dizer “tu tens o cabelo bonito, mas porque tu não alias? ou tu tens o cabelo bonito, mas tua amiga por exemplo ela tem o cabelo ruim, porque ela não só faz tranças?” Então, aqui na UNILAB pude ver exatamente a questão da

hierarquização e de certa forma que meu cabelo entre aspas é mais privilegiado do que de outras mulheres negras e tanto afro-brasileiras como africanas. (Paula, guineense)

[...] oi! é a relação com meu cabelo e a UNILAB, desde Cabo Verde eu, às vezes, tive períodos que eu deixei meu cabelo liso e outros que passava pela transição, já passei várias vezes pela transição (silêncio). Mas eu cheguei aqui na UNILAB e comecei a pensar sobre questões étnico raciais [...] e eu decidi que eu tinha que passar pela transição e que meu cabelo crespo ser quase que um manifesto da minha posição enquanto mulher negra [...]eu comecei a pensar nessas relações, eu comecei a entender que meu cabelo precisava ser a minha porta de entrada a minha apresentação, era assim que eu queria parecer, andar com o meu cabelo todo pra cima e tudo (risos) [...]. Mas ultimamente acho que uma história que mais me marcou foi quando uma menina negra, no estágio, ela tem mais ou menos sete anos, ela disse que o meu cabelo parecia é como é que chama aquele negócio? “BOMBRIL!” (outras vezes) é bombril! [...]. (Lúcia, Cabo Verde)

Evidencia-se no relato de Paula, interlocutora Guineense, a hierarquização dos cachos, certamente referindo-se sobre a hierarquização da textura capilar, Paula faz parte de um lugar de privilégio, por ter cabelos cacheados e ter uma pigmentação clara, embora uma mulher negra e africana bem ressaltada por ela em outras passagens da roda de conversa. Nota-se um descontentamento da padronização dos cachos, quando nossa interlocutora refere-se a hierarquização explanando os cabelos “4a,4b,4c, os cabelos tipo 4 ou afros” que subdividem em curvaturas dos fios; esses tipos de cabelos são os mais crespos e por isso são os que sofrem as maiores agressões do racismo e do preconceito.

Quando as mulheres negras se veem livre dos padrões eurocêtricos, em outras palavras, de ter cabelo lisos e porque não enfatizar “ter um liso perfeito”, como não bastasse agora a sociedade quer impor os padrões de cachos perfeitos, uma hierarquização racista e capitalista.

É bem comum encontramos lugares de privilégio, bem como expõe nossa interlocutora quando ela fala “tu tens o cabelo bonito, mas a tua amiga por exemplo tem o cabelo ruim; porque ela não só faz tranças?”. Ter cachos super definido é lindo, invejável, mas quem tem o cabelo tipo 4 que é o crespo sem definição é feio e deve ser mantido preso. Por essa razão muitas mulheres ainda não assumiram os cabelos naturais, muitas dessas mulheres nem lembra mais qual textura tem o seu cabelo, por terem passado muitos anos agredindo os fios com química para alisar.

O cabelo afro requer muita aceitação e confiança, e é assim que nos ressalta Lúcia, interlocutora cabo verdiana, quando decidiu passar mais uma vez pela transição capilar e captou a necessidade de se impor enquanto mulher negra usou o cabelo, que em suas palavras “meu cabelo crespo ser quase que um manifesto da minha posição enquanto mulher negra” tomando o uso do cabelo crespo com orgulho e não cedendo à pressão da padronização do afro, muito embora ela perceba o quanto corrompido o uso do cabelo natural atinge as crianças

negras brasileiras, exemplo do nome pejorativo a criança de sete anos assemelhou o cabelo crespo com “bombril”, a negação de outros padrões de beleza tornou o cabelo liso uma obsessão. Ter cabelos lisos é o referencial máximo de beleza, e qual mulher não almeja ser linda? a reflexão dessa imposição de beleza está refletida na criança negra ao qual nossa interlocutora nos apresenta.

Somos compelidos a acreditar na ideia de cabelo “bom” dos brancos e “ruim” dos negros, isso se deve ao racismo velado e descarado de nossa sociedade, que transforma o corpo negro e o cabelo crespo como exótico, é nesse contexto do exótico que Joana nossa interlocutora cabo verdiana nos relata experiências em que o outro se sente no direito de tocá-la porque acha o seu cabelo diferente “exótico”:

[...] as pessoas chegam e eu: não toca no meu cabelo!, e as vezes eu acho que tô sendo grossa, mas acho mesmo com essa grossura que tenho que botar meu respeito, porque tipo colocar pra ver se é crespo, se é macio, se não é macio isso também eles tão querendo chegar em alguma coisa se eu não sei o que [...] ninguém toca no meu cabelo , hoje o menino, eu chega.
 E eu disse: não toca!
 E ele: você agora!
 Eu disse: não toca! (risos)
 E ele: vocês com essa moda de cabelo.
 E eu: não toca, aí ele ficou olhando pra mim e foi embora.

Em meio ao relato de Joana a professora Dra. Vera Rodrigues participa da discussão em que a questão do corpo e do cabelo se interligam quando o corpo é negro e o cabelo é crespo.

[...] sabe a isso que você está trazendo agora Joana acho que se liga o que no começo estava falando, quais as percepções das diferentes visões, tratamentos entre a ideia do cabelo crespo e cacheado né, que está associado qual é a tonalidade da pele, que se liga e agora com essa coisa do toque. É que essas duas coisas é, veja, assim estão ligadas aí fica difícil as pessoas falarem sobre isso né, mas a toda forma de como negros e negras foram vistos e tratados por muito tempo, o nosso corpo sempre foi algo que no início, né, ele foi objeto, uma mercadoria, onde qualquer um podia vender, tocar (coro), matar, ferir, então uma digamos que é uma leitura, eu não gosto da palavra “inconsciente” porque ela me cheira que as pessoas não sabem o que estão fazendo, aí assim mais no sentido, talvez algumas coisas ficaram incorporadas, introjetadas vamos dizer assim introjetadas. O que autoriza o tocar no corpo do outro de uma forma tão assim que ninguém passa pela cabeça que existe um limite, que existe um não, e a fala, a fala do branco é previamente autorizada, ou seja ela pode dizer “tomou choque?”, ela não vai nem pensar que é grosseria, se machuca? se vai trazer trauma?. É uma fala previamente autorizada a nossa fala é dificilmente autorizada em que sentido? -Quando nós nos colocamos, eu poderia dizer: não, a Joana é grosseira, ou a Vera adora fazer mimimi por tudo, ou a Paula não sabe o que diz.! [...]. Nós também introjetamos que nossa fala não está autorizada, assim como o nosso sentir, não está autorizado então as minhas lágrimas incomodam, a minha raiva incomoda, tudo eu devo conter lágrimas, risos, cabelo, corpo, toque, mas isso não vai para o outro lado.

É sabido que o corpo negro passou por um processo de objetificação e de desumanização, bem como destaca a professora Dra. Vera Rodrigues que este pensamento está

introjetada na nossa sociedade. Enquanto a fala do branco é previamente autorizada em sua arrogância e preconceito, a fala do negro é silenciada.

A esse respeito perduram questões essenciais para novos debates na roda de conversa em que mulheres negras são acometidas ao machismo, assim que nossa interlocutora Lucia estudante de pedagogia assevera.

[...] todo dia tem alguém te atacando, todo dia tem alguém que acha que tem poder sobre o seu corpo, sobre você. E por mais que você se acha empoderada e tudo você as vezes se pega caindo.

Hoje mesmo eu estava na faculdade, um menino cabo verdiano me pegou pelo braço e me puxou e ele falou: “e aí feminista agora passa e não fala com as pessoas?”

Aí eu falei: solta o meu braço! e eu falei pra ele a próxima vez que você encostar em mim e te denuncio por agressão.

E ele: eu só quero vê vocês com essa mania de agressão quando chegar em cabo verde. É tipo a professora tá falando que o branco tem esse discurso legitimado, mas não é só o branco os africanos, homens africanos interiorizou que ele tem poder sobre nosso corpo e que a gente só tá falando isso porque tá na UNILAB, e se discute essas questões, e quando a gente voltar isso não vai ser debatido, porque no nosso país é normal um menino chegar e puxar pelo braço, eles tem muito esse discurso, é normal um menino dizer pra gente “esse cabelo não tá bom”, como sempre dizem pra Bia (codinome usado para a estudante cabo verdiana) “isso é preguiça de pentear?” porque você tá usando o cabelo assim? vai trançar!” entendeu.[...]

Vemos aqui um machismo internalizado tanto na sociedade brasileira quanto na Cabo Verdiana, que esse pensamento patriarcal vem de berço, em pleno século XXI o machismo e superioridade dos homens ainda domina o mundo, isso é claramente notado no comportamento do colega cabo verdiano, quando *Lúcia* diz “da próxima vez que você encostar em mim, eu te denuncio por agressão” obviamente notamos uma violência contra a mulher. No Brasil as mulheres têm meios de proteção a esse tipo de violação, como a lei *Maria da Penha*:

Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências (BRASIL, 2006).

A presença de violência contra a mulher consigna em Cabo verde, corroborando assim na fala do colega cabo verdiano “eu só quero vê vocês com essa mania de agressão quando chegar em cabo verde”, reiterando que a realidade de Cabo verde é discrepante ao cenário brasileiro, no tocante a proteção legal a violência cometida contra as mulheres,

Segundo Pina (2010):

Cabo Verde, assim como outros países, tem enfrentado bastante problemas que tange a violência contra a mulher [...] existem várias causas da violência contra a mulher, sendo que, o país teve a sua formação em base na escravatura que originou bastante

violações, portanto pode se afirmar que a cultura cabo verdiana teve a base na violência. [...]

De acordo com Carneiro (2011):

O que poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituída no período da escravidão. As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras.

O prelúdio das rodas de conversas seria a relação entre o cabelo e a identidade, mas esse debate alia novos tópicos, deparamos com o racismo, sexismo e o machismo que estão inseridos no cotidiano das nossas interlocutoras, as violações expressadas anteriormente reflete a preocupação de Lúcia nossa interlocutora cabo-verdiana.

[...] eu me preocupo muito que cenário que a gente vai encontrar, que dentro da UNILAB a gente tá protegida sabe!, é muito fácil eu andar como mulher que usa o cabelo volumoso, mas não vou encontrar esse cenário, eu vou achar meninas que querem usar o cabelo como que a Paula tem, mas o meu cabelo incomoda, não é legal. “No Brasil não tem salão de beleza? aqui tem! você pode alisar o cabelo”.

Observamos inicialmente a preocupação em retornar para seu país natal e encontrar outro contexto, mas com problemas análogos, que tudo que aprendeu sobre resistência, direitos igualitários poderá ser um grande desafio a seguir principalmente quando retornar com seus cabelos naturais, sem ser escravizada pela ditadura eurocêntrica. É confortante em saber que na Universidade ela põe em prática a sua luta e resistência através de seus cabelos em que se expressa em sua fala anterior “[...] que dentro da UNILAB a gente tá protegida sabe! é muito fácil eu andar com o cabelo volumoso[...] isso consiste em empodera-se de sua beleza, sua identidade e sua condição de mulher negra. O empoderamento é essencial e providencial, é você se libertar de padrões e ser o que quiser ser.

As mulheres negras são oprimidas pelo machismo, racismo e várias outras violências dentre as vertentes do feminismo negro encontra-se o empoderamento ao qual Ribeiro (2015) nos clarifica a essência do termo.

[...] o termo empoderamento muitas vezes é mal interpretado. Por vezes ele é entendido como algo individual ou tomada de poder para se perpetuar as opressões: para o feminismo negro, empoderamento possui um significado coletivo, trata-se de empoderar a si e aos outros e colocar as mulheres negras como sujeitos ativos de mudanças [...]

Diante de todos os relatos podemos constatar que o empoderamento está presente entre as nossas interlocutoras houveram momentos de falas carregadas de tensões, mágoas, raiva, deboche, devaneios as interlocutoras se encontraram em um posicionamento que determina a

superação de todas essas emoções, *o empoderamento* da mulher negra, em que o cabelo é a parte transformadora para a luta contra o racismo e a opressão, parar de usar química nos cabelos é o primeiro passo para deixar de ser quem a sociedade quer que você seja e se descobrir mulher negra, linda, empoderada e dona de sua identidade.

Em síntese, meu objetivo com o projeto refere-se aos estudos de identidade negra, as intenções sociais inerentes ao processo de empoderamento de mulheres negras através de uma ressignificação do cabelo natural (crespo/cacheado). O meu caminhar dissertativo busca intensificar a relevância que o cabelo afro tem na construção de uma resistência às normatividades criadas pelo eurocentrismo.

Todavia, poderemos intensificar o desensinamento como no poema de Jeniffer Nascimento⁴, em que uma mulher empoderada empodera muitas outras.

Desensinamentos

Estão a moldar nossos pensamentos,
a roubar nosso auto estima,

Nos ensinaram um andar cabisbaixo.
corpos curvados encaram o chão
como se olhar o céu ou front
não fosse algo permitido para as negras.
lavadeiras, cozinheiras, professoras,
balconistas, cabeleireiras e universitárias
como nós.

Nos ensinaram que somos feias,
As capas das revistas não nos querem
Os garotos nas escolas não nos querem
Os cargos executivos não nos querem
Reparem bem no que dizem.
Está tudo desproporcional,
Grande demais ou escuro de mais,
Pelo menos ajeitem esse cabelo

Ensinaram a moldar nossos corpos,
A tirar nossa expressividade.
Nos ensinaram coreografias pré-moldadas
Em que o balanço e a espontaneidade não cabem
E assim, pouco a pouco deixamos de dançar
Somos corpos reprimidos que pairam
Por medo de errar a coreografia
De errar a medida de errar...
Corpos doentes.
Corpos endurecidos.
Corpos infelizes.

Estão a moldar nossos sentimentos,
A negligenciar nossos sentires.

⁴ Jeniffer Nascimento é porta-voz de uma geração de mulheres negras que estão descobrindo e construindo sua identidade em quanto mulher negra, disponível em: <http://www.blogueirasnegras.org/2015/10/26/vozes-femininas-da-literatura-periferica-e-a-poesia-de-jeniffer-nascimento/>

Nos ensinaram a ser fortes.
 Aguentar o sol forte queimando a cara
 Ao carregar a lata d'água na cabeça,
 Aceitar humilhação da patroa
 A parir sem gritar ou gemer
 A criar nossos filhos sozinhas.
 A esconder o choro de solidão
 A não pedir ajuda a ninguém
 A esquecer de si mesma

Nos ensinaram a calar
 A não dizer o que sentimos, nem o que pensamos
 As coisas são como são e pronto, tá entendido?!
 Na prática ninguém costuma mesmo
 Dar ouvidos a uma mulher a uma negra.
 Que diferença faz o que você disser?
 Quantas vezes adiantou fala?
 Eles sempre dirão
 “você só fica bonitinha assim, calada”
 Aprender a calar antes que te calem.

(...)

Então um dia
 Outras mulheres negras
 Das mesmas fileiras que nós,
 Nos ensinaram que tudo aquilo que tínhamos aprendido,
 Era uma grande farsa.

Foi quando aprendemos a lutar (NASCIMENTO *apud* ANUNCIADA, 2015).

Mulheres empoderadas lutam para usar o cabelo da forma que quiser, usar roupas na forma que quiser, denunciando o racismo que tanto impactam na vida delas muitas vezes de forma velada e em outras ocasiões de forma violenta. Empodera-se e espalhar o empoderamento tornando-as visíveis e protagonistas de suas próprias histórias.

6 CRONOGRAMA

A construção do trabalho dar-se-á sobre o tema proposto, possibilitando a escrita e apresentação da pesquisa. Dessa forma, a pesquisa conferirá em seguintes etapas:

Etapa I - levantamento de bibliografia, para o referencial teórico

Etapa II - análise dos áudios das rodas de conversas

Etapa III-problematização e delimitação do tema

Etapa IV-coleta de dados teóricos da pesquisa

Etapa V- revisão e correção do projeto

Etapa VI -entrega oficial do trabalho

Etapa VII - apresentação do trabalho em banca

ATIVIDADES	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
ETAPA I	X	X			
ETAPA II	X	X	X		
ETAPA III			X	X	
ETAPA IV			X	X	
ETAPA V				X	
ETAPA VI				X	
ETAPA VII					X

REFERÊNCIAS

ANUNCIADA, Patricia. **Vozes femininas da literatura periférica e a poesia de Jenyffer Nascimento**. 2015. Disponível em: <<http://www.blogueirasnegras.org/2015/10/26/vozes-femininas-da-literatura-periferica-e-a-poesia-de-jenyffer-nascimento/>>. Acesso em: 1 set. 2018.

ASSUMPCÃO, Itamar. **Cabelo Duro**. 2004. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/itamar-assumpcao/272413/>>. Acesso em: 1 ago. 2018.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal...** Brasília, DF: Diário Oficial da União, 7 ago. 2006. Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/95552/lei-maria-da-penha-lei-11340-06>>. Acesso em: 1 set. 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo**: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero. 2011. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>>. Acesso em: 1 set. 2018.

CARNEIRO, Sueli. Gênero Raça e Ascensão Social. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 544, jan. 1995. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16472/15042>>. Acesso em: 27 set. 2018

DIAS, Honorata. **“Da raiz até a ponta”**: enegrecendo a identidade através do uso do cabelo crespo. 2016. 41 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Políticas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.unilab.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/392/1/Honorata%20Dias.pdf>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

FIGUEIREDO, Ângela. Fora do jogo: a experiência dos negros na mídia brasileira. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 23, p. 199-228, dezembro de 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 7 ago. 2018.

FIGUEIREDO, Ângela. Gênero: dialogando com os estudos de gênero e raça no Brasil. In: PINHO, Osmundo Araújo; SANSONE, Livio (Org.). **Raça**: novas perspectivas antropológicas. 2. ed. Salvador: Aba Edufba, 2008. p. 237-255.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. Tese de doutorado em Antropologia Social. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as**: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

GONZAGA, Doralyce. **Miss Beleza Universal**. 2017. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/doralyce/miss-beleza-universal/traducao.html>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Cor e raça: raça, cor e outros conceitos analíticos. In: PINHO, Osmundo Araújo; SANSONE, Livio (Org.). **Raça: novas perspectivas antropológicas**. 2. ed. Salvador: Aba Edufba, 2008. p. 63-82.

HOOKS, Bell. **Alisando o nosso cabelo**. 2017. Disponível em: <<http://criola.org.br/alisando-o-nosso-cabelo/>>. Acesso em: 7 ago. 2018.

PINA, Neusa Suzana Sanches. **Violência contra a mulher no Brasil em Cabo Verde**. 2010. 57 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Jurídicas e Sociais, Faculdade de Direito, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/27169>>. Acesso em: 13 set. 2018.

RIBEIRO. Djamila, **O empoderamento necessário**. 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-empoderamento-necessario/>>. Acesso em: 16 set. 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Todo brasileiro se sente uma ilha de democracia racial cercada de racistas**. 13 set. 2010. Entrevista ao Blog Combate Racismo Ambiental. Disponível em: <<https://acervo.racismoambiental.net.br/2010/09/13/todo-brasileiro-se-sente-uma-ilha-de-democracia-racial-cercada-de-racistas/>>. Acesso em: 7 ago. 2018.

SILVA, Luzyanne Maria da. **O cabelo crespo e a trajetória escolar no processo de construção da identidade negra**. 2014. 51 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/LUFm84>>. Acesso em: 1 set. 2018.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo?**. São Paulo: Brasiliense, 2005. Disponível em <<https://www.passeidireto.com/arquivo/23085120/o-que-e-racismo-joel-rufino-dos-santos-1pdf>>.

SANTOS, Nádia Regina Braga dos. **Do black power ao cabelo crespo: a construção da identidade negra através do cabelo**. 2015. 34 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Mídia, Informação e Cultura, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/artigo_nadia.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2018.